

Buenos-Aires, 4 de abril de 1933

Caro e ilustre general Isidoro

Pelo Ripoll, recebi sua carta de 11 de janeiro, cujos generosos condei- tos agradeço. Se antes não contestei, foi por esperar que a situação aqui se esclarecesse e, também, por não confiar muito no conduto postal. Esta mi- nha desconfiança foi há pouco confirmada pela divulgação da carta confidenci- al que enviei ao dr. Moraes Barros e cujo teor lhe deve ter sido comunicado.

Para evitar repetições, reporto-me, quanto á nossa maneira de encarar a questão revolucionaria, á carta que nesta mesma data escrevo aos drs. Fe- dro de Toledo e Artur Bernardes e que lhe deverá ser mostrada. Dir-lhe-ei apenas aqui que encaro com certo pessimismo a ação revolucionaria e isso não tanto porque lhe seja desfavoravel o ambiente nacional, como principalmen- te pelas paixões e rivalidades que trabalham os elementos revolucionarios.

Precisamos, pois, que os velhos e provados chefes ponham mais uma vez ao serviço da causa, não sómente a sua influencia moral, mas também a sua ação, por mais que tenham adquirido direito ao repouso. Se nos faltar essa assistencia, melhor será renunciarmos ao combate. Assim sendo, sinto- me com o direito de apelar para o velho e glorioso lidador, para que venha ocupar na primeira linha o posto a que todos o indicam. Compreendo melhor do que ninguem a magnitude do sacrificio, mas, se como parece não há outro recurso, não será certamente o grande patriota quem haja de fugir-lhe. Só uma grande e indiscutida autoridade poderá pôr ordem no microcosmo revolu- cionario. Depois de alguns meses de agitação esteril, pode-se dizer que es- te é o anhelo geral. Ainda os mais inquietos reconheceram que não se pode con- tinuar assim.

Certo de que o meu apêlo não soará em vão aos ouvidos do chefe indis- cutido, deixo-lhe, com um forte abraço, o meu "até breve".

Do velho companheiro e constante admirador